

A trama das identificações  
Sua representação em metáforas  
cinematográficas

MAYRA RODRIGUES GOMES

---

Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP

## **Resumo**

Este trabalho procura examinar os processos que conduzem à formação de grupos. Para tanto, tem como vetor o conceito de identificação e o explora em suas diversas implicações. Serve-se de produção cinematográfica que remete a este conceito, ainda que esta relação não tenha sido enunciada e permaneça somente implícita.

## **Palavras-chave**

identificação, formação grupal, metáforas cinematográficas.

## **Abstract**

This paper explores the processes that lead to group formation. It has, as vector point, the concept of identification and exploits it in several implications. It operates with movies production's that convey this concept, even though this relationship is not announced and remains as implicitation.

## **Keywords**

identification, group formation, movies metaphors.

**E**m 2004, M. Night Shyamalan produziu o filme *The Village*. A história desenrola-se em torno de um pequeno grupo de famílias que forma uma comunidade isolada de outras. Tal comunidade é bastante organizada: uma hierarquia é obedecida e há regras de convívio assim como de produção do sustento comum. Os trajes são recatados e lembram os de comunidades religiosas que ainda subsistem no interior dos E.U A.

O isolamento em que vive é marcado pela referência à presença de entidades aterrorizantes, indefinidas, que habitam a floresta em meio à qual a vila se erigiu. Transpor a floresta é transpor o isolamento que se firma pelo receio de um encontro fatal com essas figuras terríveis. Os membros da comunidade, na impossibilidade de enfrentamento, limitam-se a cultivar uma distância segura, destas entidades ameaçadoras, através de constante vigília, da oferenda e da não contrariedade de seus (das criaturas ameaçadoras) gostos, como é o caso da atenção dada à cor vermelha.

O vermelho, evitado a todo custo por desagradar e exercer atração sobre os seres estranhos, leva os membros da comunidade a colherem e esconderem as flores e os frutos dessa tonalidade que, porventura, brotem em suas terras, ou seja, fora da área da floresta.

Em 1964 Norbert Elias e John L. Scotson completaram um estudo sobre uma pequena comunidade perto de Leicester, na Inglaterra. A vila de Winston Parva apresentava uma peculiaridade que lhes atraiu a atenção. Em suas próprias palavras, ao passear pela cidade o cenário era bastante homogêneo trazendo surpresa a constatação de que a comunidade era dividida. Havia um grupo que se considerava superior aos demais membros e, na realidade, ocupava uma posição de poder nos relacionamentos. Além do cenário, outras

circunstâncias eram causa de espanto perante a diferenciação posta em termos de dois grupos constituintes da comunidade.

“Não havia diferenças de nacionalidade, ascendência étnica, ‘cor’ ou ‘raça’ entre os residentes das duas áreas, e eles tampouco diferiam quanto a seu tipo de ocupação, sua renda e seu nível educacional – em suma, quanto a sua classe social. as duas eram áreas de trabalhadores” (ELIAS E SCOTSON, 2000: 21).

Todos os diferenciais, que costumam alimentar severas segregações, se ausentavam do quadro. É importante assinalar que também se ausentavam do quadro os diferenciais de poder, tantas vezes invocados em outros estudos, relacionados à posse tanto dos meios de produção quanto de armas ou de aparato tecnológico. No entanto, um grupo, o dos que habitavam o local há mais tempo, se sobrepunha ao outro, criando uma imagem exaltada de si e uma imagem denegrida do outro. Assim, o único diferencial, em origem e essência, era o tempo de permanência no lugar. Todas as outras diferenças se construía a partir deste ponto comum.

Em 1921 Freud escreveu *Psicologia de grupo e análise do ego*. Estava interessado em compreender as relações fundadoras de um grupo social. Referiu-se a obras, já consagradas, sobre o assunto, entre elas, a de Le Bon, *Psychologie des foules* de 1855, e a de MacDougall, *The group mind* de 1920.

Estes trabalhos desenvolveram uma observação acurada sobre a morfologia dos grupos e, grosso modo, apontam as mesmas circunstâncias. Num grupo, do tipo considerado primitivo (sem uma definição organizacional e hierárquica), como observou Le Bon, um indivíduo vê sua sensação de força e poder potencializados; a sugestibilidade e o contágio são a marca da influência de cada membro sobre os outros. Um grupo, nestes termos, é impulsivo, mutável, crédulo, inclinado a extremos, propenso à obediência diante da força e ao repúdio à tolerância. É, sobretudo, conservador.

Nos grupos estáveis, trabalho de McDougall, observaram-se a existência de uma inclinação emocional semelhante, a exaltação e intensificação das emoções, a substituição da sociedade humana, como um todo, pela autoridade do grupo, a nivelção do intelecto por baixo. Nos grupos altamente organizados, pode-se obter uma elevação

da vida mental quando algumas condições se fazem presentes: continuidade da existência, cada membro tenha uma idéia definida dos princípios do grupo, vivência de interação com outros grupos na forma da colocação em oposição, presença de tradições que regem as relações entre seus membros, definição de estrutura na especialização das funções de seus constituintes.

Freud concorda com as características apontadas por estes pensadores, mas discorda dos argumentos, quase sempre funcionais, que tentam expor suas origens. Estava interessado na explicação psicológica para a alteração mental experimentada pelo indivíduo num grupo. Na verdade, tal explicação seria também a da origem da formação de um grupo, pois deve apontar para o elo que lhe é essencial e, portanto, para uma alteração psicológica que permite o próprio laço que faz grupo.

Ao expor suas observações/correções em torno da atração primeira, introduziu o conceito de libido, definindo-o como energia ligada aos instintos relacionados ao que é recoberto pela palavra amor, impulso, em sua base, de ordem da união sexual. Mesmo quando desviado deste objetivo, configurando-se como laços emocionais, conserva ainda características, “como anseio de proximidade e o auto-sacrifício” Para que um grupo seja constituído e mantido, situação em que uma pessoa abandona sua individualidade e se deixa ser influenciada, é necessária uma força maior que deve ser encontrada em Eros. É por amor aos outros membros do grupo, pela necessidade de estar em harmonia, que um indivíduo se deixa levar.

Contudo, os laços emocionais não se distribuem naturalmente a todos. Uma crítica à idéia de instinto gregário é desenvolvida mediante a demonstração de sentimentos de hostilidade, de inveja, faces de um amor a si mesmo, que não deixa de funcionar como instrumento de auto-preservação, constatáveis no narcisismo desde a criança em sua primeira infância.

A expressão “narcisismo das pequenas diferenças” contorna este processo ao mostrar que, onde não há diferenças substanciais, estas se criam a partir de sutis distinções. Isto pode ser visto, recorrendo a exemplos do próprio Freud, entre famílias unidas por matrimônio que se rivalizam, cada uma colocando-se como superior

à outra. Do mesmo modo, cidades se encaram com desprezo; raças aparentadas se distanciam, diferenças regionais se exacerbam: o inglês zomba do escocês, de forma tal que diferenças maiores serão necessariamente marcadas por processos severos de exclusão, como as do branco contra o preto, do ariano contra o semita, ou vice-versa.

Embora Freud não as sustente neste texto, tenhamos em mente algumas condições precedentes à formações grupais, a saber, que todos os campos, sob a visada da linguagem ou da produção de significação e comunicação, só se definem, e só podem fazê-lo, em termos de oposições, em termo de marcações de diferenças. Além disso, estas definições arrastam consigo a dicotomia positivo/negativo, divisão determinante de, e determinada por, relações de poder. Esta dinâmica pode ser testemunhada ainda que as relações amorosas estabelecidas se delineiem a partir de um interesse comum que possa configurar-se como uma extensão do amor próprio. E como não são espontaneamente distribuídas a todos, é necessário também que as relações afetuosas se fixem num ponto, num elo que represente ou corporifique este interesse comum.

É pensando este elo que Freud introduz a figura do líder, objeto de um amor que, sendo comum ao grupo, acaba por espargir-se sobre todos, e introduz o papel de uma idéia, em torno da qual se dá este compartilhamento de amor que determina um agregado social.

Ora, ao refletir sobre estas relações emocionais, sobre espécies de libido de segunda ordem, um outro conceito, ou mecanismo, emerge. Para dar conta dessas ligações entre as pessoas, dos processos fundadores das formações grupais, é crucial uma reflexão sobre o conceito de identificação, grosso modo uma proposta de eu+eu que Freud assim definiu: “A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa” (FREUD, 1976: 133).

Ela implica um processo em que um menino, por exemplo, toma como modelo uma figura, pai ou similar na estrutura familiar vivenciada, e, vendo-se aí, procura ser *tal como* a figura modelar. Este processo psíquico pede, ainda, o exame de outro conceito, o ideal de ego, para dar conta desta modelagem do indivíduo, segundo alguns parâmetros por eles eleitos como ideal.

O ideal de eu, podemos calcular a partir das análises de Freud, é duplamente de cunho social. Nasce da interação com personagens que povoam o universo da criança e são tomadas como modelo. Por outro lado, também absorve componentes de circunstâncias sociais, como *raça, classe, credo, nacionalidade etc.* Em todas estas instâncias, a educação se empenha e colabora na internalização de vários modelos que alimentarão a composição do ideal de eu. De qualquer modo, é dele, pela eleição de um traço comum, traço que marca a relação afetiva como projeção narcísica, que as identificações se irradiam.

*“Cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, acha-se ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos e construiu seu ideal do ego segundo modelos variados. Cada indivíduo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais – as de sua raça, classe, credo, nacionalidade etc. – podendo também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade”* (FREUD, 1976: 163).

A identificação é, portanto, um processo pelo qual algo (sempre um traço e não o conjunto) do modelo criado como ideal de eu é visto em outro lugar, lugar então que atrai como função de realização do ideal. Tem seu fundamento na percepção de uma *analogia significativa* que sustenta, como elo, a aproximação na vida social. No caso da formação de grupos, essa analogia significativa é baseada numa qualidade emocional comum. Na identificação, tem-se um vínculo que não é da ordem de satisfação de instintos sexuais por uma relação objetal, embora Freud nos tenha apresentado, de diversas maneiras, a permanência do traço de libido em forma velada.

É necessário ressaltar que, nessa analogia significativa que determina o elo ou qualidades emocionais percebidas como ponto comum,

*O líder ou a idéia dominante poderiam também, por assim dizer, ser negativos; o ódio contra uma determinada*

*pessoa ou instituição poderia funcionar exatamente da mesma maneira unificadora e evocar o mesmo tipo de laços emocionais que a ligação positiva.* (FREUD, 1976: 127).

Em Winston Parva, certamente encontramos todas essas características, relacionadas a grupos estáveis e organizados. Um certo *tempo* em comum lhes assegura uma familiaridade. Esta familiaridade se desdobra numa organização definida com a qual cada membro é ciente de sua função, de suas obrigações em relação aos outros membros e, sobretudo, dos princípios ou idéias que os orientam. Há, portanto, o componente da tradição, que embora remonte a poucas décadas, duas ou três gerações, aparece aos seus membros com o estatuto de *desde sempre*. Mas, em que condições aparece desse modo? Quando novos moradores chegam ao local, vindos de regiões distintas do país e, portanto, estranhos entre si.

Elias e Scotson apontam a coesão do grupo estabelecido como um fator fundamental de sua sustentação e posterior supremacia sobre os *outsiders*. Sem dúvida é a coesão, derivada de uma organização já instalada, que lhes fornece o chão para desenvolver uma oposição aos recém chegados.

Ora, se considerarmos a questão dos laços emocionais, como colocada por Freud, a coesão deve aparecer como efeito. Ela é sustentação do grupo, como seria de qualquer outro grupo, é causa da possibilidade de oposição endereçada aos *outsiders*, é causa da possibilidade de ascendência dos estabelecidos sobre os outros. Contudo, ela não é a causa da formação grupal.

Winston Parva, que não estava amarrada à figura de um líder, no entanto se enrodilhava em grupo, com as regras de convivência bem estabelecidas, justamente por um vínculo emocional que, do ponto de vista freudiano, é correlato à idéia de interesse comum. O vínculo correspondia à percepção dos membros como *análogos*, implicados, portanto, numa estratégia de sobrevivência, de regulação dos privilégios de um e de todos do grupo. Tal sentimento, efeito das identificações, é o que promoverá a coesão.

Entretanto, para compreender tanto as identificações quanto as formações grupais, são também cruciais as observações dos pesquisadores sobre seu foco de estudo.

*“Portanto, perde-se a chave do problema que costuma ser discutido em categorias como a do ‘preconceito social’ quando ela é exclusivamente buscada na estrutura de personalidade dos indivíduos. Ela só pode ser encontrada ao se considerar a figuração formada pelos dois (ou mais) grupos implicados ou, em outras palavras, a natureza de sua interdependência” (ELIAS e SCOTSON, 2000: 23).*

Por esta notação, o estatuto de estabelecidos, a auto-imagem de superioridade só surge em confronto com os novos habitantes, só surge numa relação de oposição, da complementaridade *nós face a eles* e vice-versa.

Embora o enfoque, centrado na dinâmica entre grupos, pareça contradizer a explicação freudiana ao deslocar o ponto das relações afetuosas para o ponto das estruturações sociais apreendidas como universais, não é bem isto que sucede.

Do ponto de vista freudiano elas são universais justamente por corresponderem a essa remota expressão de laço emocional, às identificações que, elas próprias, não podem deixar de se processar senão por mecanismos de oposição. Quanto a isso, citamos anteriormente dois trechos do texto de Freud que aludem justamente a estas questões, tanto à do grupo que se instala somente com um jogo de oposições quanto à do ideal de eu, desde o início também um jogo de oposições. Sobretudo este último, cuja composição se liga duplamente às relações opositivas: por sua extração originária (a escolha uma figura em detrimento de outras), por sua construção social (as regras que sustentam um grupo e se colocam pela negação de outros tanto hábitos possíveis).

Quer se trate de narcisismo de pequenas ou grandes diferenças, ou de identidade reativa, termo que Peter Burke empregou para a mesma formação por oposição, desenha-se o campo do ideal

de eu como forma simultaneamente de aceitação e de rejeição, pela introjeção e pela expulsão e, portanto, orienta as identificações no sentido de marcações, traços que só podem ser definidos pela determinação do dessemelhante.

É a partir da oposição aos *outsiders* que o interesse comum é fixado pela forma de ameaça que estes representam aos costumes há muito praticados, às hierarquias já estabelecidas. É a partir deste ponto que a comunidade antiga se representa como um grupo diferenciado.

Ora, tomamos este estudo sobre Winston Parva com o objetivo de mostrar as faces, os efeitos das identificações. Neste caso, a propriedade mais notória é a formação de uma auto-imagem, entre os estabelecidos, que se conjuga com todos os significados socialmente positivados de forma tal que as qualidades melhores, sempre a dos melhores do grupo, são tomadas como representativas de todos os membros do grupo. Tornam-se assim intrínsecas ao grupo resultando na fantástica operação pela qual até as infrações, dentro deste grupo, serão minimizadas, olhadas como um desvio ocasional, um deslize que não chega a macular a comunidade.

Em contrapartida, aos *outsiders* serão reservados todos os atributos negativos. Qualquer deslize será tomado como mera confirmação de fato. Há um nivelamento por baixo de forma tal que eventuais qualidades, compatíveis com as atribuídas aos estabelecidos, serão pensadas como exceção, um deslize do padrão e, por isso, neutralizadas em sua positividade que poderia reverter o estereótipo.

Em consonância a estes processos, o contato é visto como possibilidade de contágio, de contaminação, perturbação do estilo de vida dos estabelecidos, pela anomia que perpassa a vida dos *outsiders*. A segregação é um dos efeitos dessa demonização do que não é compartilhado. Claro que os boatos se compõem com esta dinâmica, para ela contribuindo largamente.

É evidente que os *outsiders* podem colocar-se, como auto imagem, da mesma maneira que os estabelecidos, e enxergar neles tantas desqualificações quanto as que lhe são imputadas. Mas, frente às assimetrias de poder que a coesão garantiu, frente às estratégias discriminatórias que mantém inalterado o modo de vida de um grupo

e lhes garante uma supremacia, os *outsiders* acabam por incorporar, como auto-imagem, aquela que lhes foi atribuída pelos estabelecidos.

*“Assim como, costumeiramente, os grupos estabelecidos vêem seu poder superior como um sinal de valor humano mais elevado, os grupos outsiders, quando o diferencial de poder é grande e a submissão inelutável, vivenciam afetivamente sua inferioridade de poder como um sinal de inferioridade humana” (ELIAS e SCOTSON, 2000: 28). Conclusão, “Dê-se a um grupo uma reputação ruim e é possível que ele corresponda a essa expectativa” (ELIAS e SCOTSON, 2000: 30).*

A pesquisa que se originou com Scotson tinha como foco o alto índice de criminalidade constatado entre os indivíduos de Winston Parva que eram mostrados como *outsiders*. No decorrer do tempo, este índice se neutralizou, acredita-se que como efeito de um trabalho social desenvolvido na região. Foi então que a pesquisa passou a concentrar-se na dinâmica de grupos, nos efeitos das identificações, nas relações de poder. Ao longo da descrição desta dinâmica, os pesquisadores apontaram a persistência da percepção e do raciocínio por estereótipos.

Os estereótipos correspondem a uma grande concentração de significados em torno de um significante. A rigor, não são nem bem nem mal. Auxiliam-nos na presteza de compreensão e na rapidez de resposta a determinadas circunstâncias, e não sabemos viver sem eles. Eles, que são da ordem imaginária, são igualmente uma representação coletiva pelo princípio da simplificação que dimensiona atitudes e comportamentos: são elementos pré-existentes, são formas de *doxa*, de opinião estabelecida, são *topoi* enquanto lugares comuns, embora não se identifiquem com os clichês que se colocam como lugares comuns enquanto frase-feita, fixa, banal e repetitiva.

No caso de grupos *outsiders*, esta coalizão de significados encontra-se toda voltada para a negatividade. Quando os dois pesquisadores fazem referência à estigmatização como estratégia de fixação de estereótipos eles aplicam uma acepção bem contemporânea do termo.

Estigma é uma palavra de origem grega que nos remete a cicatriz ou marca no corpo. Nossa história está repleta de ocorrências em que aos estereótipos são vinculadas a características físicas, atribuídas como sinal de uma condição ou pertencimento, tanto de nobreza quanto de vileza. Nossas histórias se balizam por este eixo, afinal tanto um herói, como Harry Potter, quanto um anti-herói, como Macunaíma, estão marcados por cicatrizes. E, se a presença destes dois personagens na mesma frase, ainda que como meros exemplos, nos causa repulsa, não nos espantemos. A repulsa é um efeito de transbordamento desse ponto de EU+EU a que nos seguramos; é tão somente um entorno das identificações.

Para a dinâmica de Winston Parva, a palavra estigmatizar é empregada em referência ao ato de atribuir qualidades negativas e também ao ato de insultar. Entretanto, pela menção à introjeção da imagem concebida pelo outro, da construção de uma auto-imagem negativa à qual corresponderão atitudes desregradas, alcançamos este ponto de hipertrofia do significado: momento em que ele passa a gerar uma transformação nos corpos, pela via das opções feitas. Elias e Scotson classificaram essa propriedade das identificações como *correspondência*; Freud a denominou *remoldagem*; Foucault a localizou nas relações de poder, especificamente como *biopoder* que diz respeito a uma *invenção* dos corpos e à construção de subjetividades.

Mais recentemente, *The Village*, tanta realidade numa ficção, mostra com bastante pertinência o jogo das oposições no jogo das identificações e a conseqüente hipertrofia do significado.

Em *The Village*, há um conselho de chefes de família que preside a comunidade. Pouco antes do final do filme, ficamos sabendo que estes senhores se reuniram um dia em virtude de perdas sofridas, perdas de familiares em situações de violência. O desejo de se distanciar das mazelas da civilização os levou a fundarem uma comunidade que, no meio de uma reserva florestal bastante fechada, permaneceu isolada. Seus descendentes, agora em segunda e início de terceira geração, desconhecem esta origem, embora tenham conhecimento da existência de outras comunidades próximas. Entretanto, estas lhe são apresentadas como opositores a seu modo

de vida, repositórios de atributos negativos na forma da perversão e do perigo.

Este quadro fica suficientemente nítido quando a heroína, que transpõe a floresta em busca de remédios para salvar seu amado, diz, ao guarda florestal a quem pede ajuda, que há bondade em sua voz e que ela não esperava por isto. Evidentemente a contaminação dos modos de vida de outras comunidades deve ser evitada para que, na Vila, estes não se deterioreem, para que a comunidade não se esfacle. Entretanto, em Winston Parva como na Vila, e este talvez seja um ponto central às identificações, deve-se evitar o contágio por causa da ameaça de uma percepção que pode tudo desmoronar, pois afinal, *inside* ou *outside*, lá como aqui, há de todos os tipos: as infinitas diversidades e nuances com que se pinta o mundo.

Estratégias de contenção, de fixação dos significados, devem ser implementadas para que não se transponha este limiar dos campos definidos. No caso do filme, é a floresta com seus perigos, com suas criaturas monstruosas, que faz o limite. Entretanto, estas criaturas sem formas, indefinidas.

Aliás, o indefinido por si já é elemento a ser temido, pois remete à anomia do Real, e carrega uma marca que o circunscribe, já que ele não se escreve. Entendemos *Real* na acepção consagrada pelo estruturalismo e pela psicanálise lacaniana, a saber, como um fundo não simbolizado que permanece como resto, ou massa indeterminada (o *aion* grego), a partir de todo isolamento de campo operado pelas palavras, ou pelo conjunto destas que resulta numa ordem simbólica. Tal ordem nos oferece a *realidade* a ser vivida, uma espécie de matriz sobre a qual nos locomovemos.

Todos os significados negativos atribuídos ao campo da anomia estão concentrados na cor vermelha, protanto sua marca, dita, no filme, *the bad color*. Na realidade, com a cor vermelha, Shyamalan deu às criaturas e ao seu filme uma cicatriz que atravessa toda a paisagem: desde os campos cobertos por pequenas flores desta cor até o X vermelho na porta das casas como sinal de ameaça iminente.

Ora, se as identificações nos remetem a tudo isso, afinal, elas nos protegem. É esta palavra suficiente? Poderíamos, da mesma

forma, empregar os termos sustentam, acobertam, dissimulam, alienam, restringem etc.

Se considerarmos as reflexões da psicanálise, diríamos que elas começam por nos proteger de uma impossibilidade, a saber, da impossibilidade de equivalência entre termos, ou correspondência entre sujeitos, pois promovem a idéia de transponibilidade, “(...) cette assumption spontanée par le sujet de deux apparitions pourtant bien différentes”<sup>1</sup> (LACAN, 1961: 62).

Diríamos também, como havia apontado Freud, e Lacan elaborou em extensão, que as identificações correspondem a uma passagem da catexia de objeto em relação à mãe para a possibilidade de outras construções.

*“Cette belle mécanique doit nous faire sentir ce dont ils s’agit, si c’est bien de son identification fondamentale, de la défense de lui-même contre cette capture originelle dans le monde de la mère (...)”*<sup>2</sup> (LACAN, 1961: 105).

Mas, para efeito do que examinamos neste momento, as identificações nos protegem ao nos dar um respaldo social, o sentimento de pertencimento e tudo de berço que ele implica. Dentre estas implicações, a mais forte e poderosa talvez seja o oferecimento de discursos prontos que são assumidos como legitimadores. Onde há maior organização, como no caso de ideologias políticas, da verdade de uma época concebida a partir de uma teoria científica, das religiões instituídas, podemos ver com nitidez o desenho destes discursos, discursos, por vezes, assentados em um Livro donde todas as regras e repostas emanam. Estaremos assim bem confortáveis e seguros.

O principal efeito deste processo, em termos palpáveis, reside naturalmente no fato de que, por um traço visto em comum, defenderemos com unhas e dentes nossa grei: nossos times, nossos

---

1. “(...) esta assunção espontânea, pelo sujeito, de duas aparições entretanto bem diferentes” (tradução da autora)

2. “Este belo mecanismo deve nos fazer sentir isto do qual elas se tratam, se é bem de sua identificação fundamental, da defesa de si próprio contra esta captura original no mundo da mãe (...). (tradução da autora)

partidos políticos, as figuras que os representam, as atitudes assumidas por estas e pelo conjunto, ainda que os vejamos caídos na lama. Continuaremos de bom grado com o pé aí fincado, na verdade, nem sequer veremos a lama.

As identificações nos protegem de nos vermos como somos porque por um traço, sempre dignificante, nos desenhemos no contorno dessa dignidade. Outras características serão excluídas. Mas, pelo mesmo processo, elas também representam nossa danação, quando o discurso que nos é ofertado, e por nós assumido, é o da destituição ou, ainda mais, quando tal discurso não é o da destituição, mas nos leva a atos imperdoavelmente detratores.

Na verdade, numa situação ou noutra, serão excluídos também outros traços, muito mais marcantes, que, se sopesados, teriam que assumir a posição determinante. Contudo eles desaparecem, e desaparecem de vista para a própria pessoa em suas assunções. Todos nós já tivemos esta experiência, que sempre sentimos como exótica, de testemunhar um discurso em que alguém é radicalmente criticado a partir de algumas peculiaridades de vida e de repente nos damos contas de que estas peculiaridades pertencem justamente à pessoa que performa a crítica.

As identificações nos protegem de ver aquilo que realmente desejamos e não podemos assumir/adquirir na realidade da vida, por conta de variadas interdições. Freud nos diria que ela pode funcionar como sucedâneo porque o ideal de ego, incorporando exigências impostas ao ego pelo meio ambiente, pode ver-se na função de realização do que o ego não se encontra à altura. “(...) de maneira que um homem, quando não pode estar satisfeito com seu próprio ego, tem, no entanto, possibilidade de encontrar satisfação no ideal do ego que se diferenciou do ego” (FREUD, 1976: 138).

Tem possibilidade de que modo? Na transposição das realizações desejadas, via identificação, para as relações grupais, para o ideário do grupo. Isto, evidentemente, inclui também as exigências de realização sexual, que se encontravam na origem das relações emocionais que interligam um grupo de pessoas.

Quanto a isso, Shyamalan não foi negligente, pois nos deixa ao longo de seu filme indícios sobre os quais Freud teceu extensas

explorações em outros textos. Tais indícios sintetizam-se nos dizeres, várias vezes reiterados, de que não tocamos aquilo em que realmente estamos interessados, aquilo que realmente queremos nos conduz em sua ausência.

É bastante compreensível, então, que as identificações se dêem num movimento de atração e repulsão, que liga num pólo tanto por um movimento quanto por outro, por comunidade de atração ou de repulsão. Freud havia apontado essa ligação entre as pessoas pelo amor ou pela aversão, mas também alertara para esse movimento denegatório do amor em forma de ódio. Não é, portanto, em vão que Shyamalan deve conceber sua Vila como agrupamento pela repulsa comum e que, ao decretar o repellido como aberrante o coloca como aquilo que era para si próprio: o fascínio, o sorvedouro do Real. Por isso, pelo fascínio, estratégias proibitivas são necessárias, o medo como caução, para que o sorvedouro se neutralize.

As matrizes, ou estratificações em que nos locomovemos como realidade a ser vivida, nestas incluídas os grupos a que nos filiamos ou em que nos formamos, também fazem sonhar o pesadelo da anomia e este sonho pode vir na forma de “paixão pelo Real” Zizek nos mostra a concepção de paixão pelo real em dois sentidos, ambos levando em conta a definição lacaniana de Real, anteriormente mencionada.

Num primeiro sentido, que foi classificado como uma “boa paixão”, a paixão pelo Real pode exprimir-se com um ato político que mostre as “falhas” na ordem simbólica, exibindo assim sua inconsistência ou sua estruturação imaginária. Tal revelação seria o meio de mudanças a serem introduzidas nas estratificações.

Em outro trabalho (GOMES, 2004) mostramos que as mídias, e em particular o jornalismo no caso da cobertura da guerra do Iraque, ao fazer uso de diversas fontes, tanto das agências internacionais européias e americanas quanto da local Al Jazira assim como da presença de repórteres no local, estes também representando diversos noticiosos, foi capaz de colocar a inconsistência da *matrix*. Foi capaz de colocar o ponto paradoxal em que os direitos universais, se aplicados universalmente, tornam-se particulares, apontam para um inegociável meio termo entre culturas com *ethos* diferenciadas. Às

vezes, em sua ânsia investigativa, o jornalismo opera no sentido desta paixão.

Num outro sentido, a paixão pelo real se exprime pela adoção da idéia de que a transgressão é a experiência limite que nos coloca face ao Real “seja na figura da violência política, da sexualidade sadomasoquista” Tal paixão compele à assunção de ações, que vão contra princípios morais em nome da fascinação por uma causa. Sua contrapartida, e isso é o que passa pela mídia, é uma certa paixão pelo semblante de Real, pelo espetáculo provocado pelos atos terroristas, por exemplo, e que a todos fascina.

*“Os dois últimos exemplos indicam o paradoxo fundamental da ‘paixão pelo Real’: ela culmina em seu oposto aparente, num espetáculo teatral – desde o espetáculo dos julgamentos de Stalin até os atos espetaculares de terrorismo. Se a paixão pelo Real termina no puro semblante do espetacular efeito do Real, então, em exata inversão, a paixão pós-moderna pelo semblante termina numa volta violenta à paixão pelo Real” (ZIZEK, 2003: 23/24).*

Mas, se nos perguntarmos sobre a paixão pelo real sob o ponto de vista das identificações, quando a anomia é ponto de fascínio, ao mesmo tempo em que engendra associações que lhe fazem oposições, talvez devamos recorrer a outros escritos de Zizek, bastante anteriores ao acima citado. Nestes (ZIZEK, 1991: 63), ele trabalha com a figura do monstro a ser apropriada, não enquanto equação simbólica de conteúdos fixos (como seria o caso de se ver em Frankenstein um embate da criatura com o criador, da técnica versus o humano), mas como uma tela de fantasia onde podem encarnar-se todos os temores. Estes, ao mesmo tempo, podem encontrar sua expressão, sob essa condição de figuração, na ordem simbólica. Zizek vê a figura do monstro, para colocar em nossos termos, como objetivação de idéias fonte relacionadas aos nossos temores, objetivações por meio das quais algo da comunidade é dimensionado.

*“Quer dizer, um mito político não é tanto uma narrativa com um significado político determinado, mas sobretudo um recipiente vazio de uma multidão de significados inconsistentes e até mutuamente exclusivos; é errado perguntar: “Mas o que significa realmente esse mito político?” pois seu “significado” é exatamente servir de recipiente para uma multidão de significados” (ZIZEK, 08/05/2005).*

Certamente suas marcas, como as flores vermelhas nos campos de *The Village*, emprestam sentido para um estilo de vida, até para a exclusão da cor, e são eixo de fascínio para a comunidade representada pelo filme e também para o próprio espectador.

Ao trabalhar com a produção fílmica, Zizek mostra o fascínio da figura do monstro como um fascínio do Real, de um abismo que traga, mas cuja notação nos coloca na realidade constituída. E se ainda mantivermos a perspectiva de exemplaridade da produção hollywoodiana, devemos repensar Shyamalan, agora com seu filme *Signs*, que certamente jamais foi uma discussão sobre ETs. Nele, é o alienígena monstruoso que afinal confere sentido a uma série de eventos aleatórios, caóticos, despropositais. Por ele tais eventos podem ser lidos numa causalidade e o personagem central, um pastor que havia perdido sua fé por causa da perda “sem sentido” do ser amado, pode trazer de novo, para sua vida, um sentido.

Afinal, isto que em *The Village* aparece como retórico e um tanto espetacular atinge, na verdade, o cerne das identificações. Da proteção contra a anomia à consolidação em oposição a um monstro que sustenta os laços sociais, perpassa-se seu fascínio em duas faces, repulsa e atração. É disso que se trata na figura que se abstrai enquanto se *encarna*.

## Bibliografia

- ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. 1994. *Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor,
- FREUD, Sigmund 1976. *Psicologia de grupo e análise do ego*. Edição Standard Brasileira, Volume XVIII (1920-1922). Rio de Janeiro, Imago,
- GOMES, Mayra Rodrigues. 2004. *Jornalismo e filosofia da comunicação*. São Paulo, Escrituras.
- LACAN, Jacques, 1961-1962. *O Seminário, livro 9, L'Identification*. Tome I. Cópia mimeografada. Paris..
- ZIZEK, Slavoj. 2003 "A paixão pelo real", entrevista. Folha de S. Paulo, 30 de novembro de ZIZEK, Slavoj. 2002. *Bem-vindo ao deserto do real*. São Paulo, Boitempo.
- ZIZEK, Slavoj. 1991 "Grimaces of the real, or when the phallus appears." in *October* nº 58 Massachusetts, MIT Press, Fall 1991.